

Da paciência

O CONFERENCISTA ATRIBULADO

Naquela manhã ensolarada de domingo, Gustavo Torres, em seu gabinete de estudo, alinhava preciosos conceitos sobre a arte de ajudar.

Espiritualista conscientioso, acreditava que a luta na Terra era abençoada escola de formação do caráter e, por isso, atendendo às exigências do próprio ideal, enfileirava, tranquilo, frases primorosas para o comentário evangélico que pretendia movimentar na noite seguinte.

Depois de renovadora prece, começou a escrever, sentidamente:

— O próximo, de qualquer procedência, é nosso irmão, credor de nosso melhor carinho.

— O caluniador é um teste de paciência.

— Quando somos vitimados pela ofensa, estamos recebendo de Jesus o bendito ensejo de auxiliar.

— Desesperação é chuva de veneno invisível.

— A desculpa constante é garantia de paz.

— Não olvides que a irritação, em qualquer parte, é fermento da discordia.

— Suporta a dificuldade com valor, porque a provação é recurso demonstrativo de nossa fé.

— Se um irmão transviado te prejudica o interesse, recebe nele a tua valiosa oportunidade de perdoar.

— Se alguém aparece, como instrumento de aflição em tua casa, não fujas ao exercício da tolerância.

— A calma tonifica o espírito...

Nesse momento, a velha criada veio trazer o chocolate, sobre o qual, sem que ela percebesse, pousara pequena mosca, encontrando a morte.

Torres notou o corpo estranho e, repentinamente indignado, bradou para a servidora.

— Como se atreve a semelhante desconsideração? acredita que eu deva engulir um mosquito desse tamanho?

Impressionada com o golpe que o patrão vi-brara na bandeja, a pobre mulher implorou:

— Desculpe-me, senhor! a enfermidade ensombra-me os olhos...

— Se é assim — falou áspero —, fique sabendo que não preciso de empregados inúteis...

O conferencista da arte de ajudar ainda não dera o incidente por terminado, quando o recinto foi invadido pelo estrondo de um desmoronamento.

O condutor de um caminhão, num lance infeliz, arrojara a máquina sobre um dos muros da sua residência.

O dono da casa desceu para a via pública, como se fora atingido por um raio.

Abeirou-se do motorista mal trajado e gritou, colérico:

— Criminoso! que fizeste?

— Senhor — rogou o misero —, perdoe-me o desastre. Pagarei as despesas de reconstrução. Tenho a cabeça tonta com a moléstia de meu filhinho, que agoniza, há muitos dias...

— Desgraçado! o problema é seu, mas o meu caso será entregue à polícia.

E quando Torres, possesso, usa o telefone, discando para o delegado de plantão, meninos curiosos invadiam-lhe o jardim bem tratado, esmagando a plantação de cravos que lhe exigira imenso trabalho na véspera.

Exasperado, avançou para as crianças, ameaçando:

— Vagabundos! Larápios! Rua, rua!... Fora daqui!... Fora daqui!...

Dai a instantes, policiais atenciosos cercavam-lhe o domicílio e Torres regressou ao gabinete, qual se estivesse accordando de um pesadelo...

Da mesa, destacava-se minúsculo cartaz, em que releu o formoso distico aí grafado por ele mesmo:

— "Quando Jesus domina o coração, a vida está em paz."

Atribulado, sentou-se.

Deteve-se novamente, na frase preciosa que escrevera, reconheceu quão fácil é ensinar com as palavras e quão difícil é instruir com os exemplos, e, envergonhado, passou a refletir...

IRMAO X

Seja a tua paciência
Qual fonte que não se esgota.
Arrojo sem disciplina
E' trilho para a derrota.

CASIMIRO CUNHA

Coração, dirige o leme
Que te regula o dever.

Quem a si próprio se teme
Nada mais tem a temer.

MILTON DA CRUZ

*

Tenha paciência. Se você não chega a dominar-se, debalde buscará o entendimento de quem não o comprehende ainda.

ANDRÉ LUIZ

